

# Emoção: efeitos sobre a voz e a fala na situação em público

Renata A. Barbosa\*

Silvia Friedman\*\*

## Resumo

**Objetivo:** estudar os efeitos da emoção sobre a voz, a fala e a fluência na situação de falar em público, em um conjunto de pessoas que referiram ter dificuldade em fazê-lo. **Método:** Foram coletados dados de 4 pessoas em três momentos: 1- situação de seminário/palestra; 2- entrevista momentos antes da palestra 3- entrevista logo após a palestra. Três juizes analisaram a gravação da palestra em relação a parâmetros de voz e de fluência de fala. As entrevistas foram analisadas por meio da proposta de análise de discurso de Rosalind Gill (2002). **Resultados:** No discurso, foram encontradas cinco categorias: estado emocional/afetivo; contexto; dimensão física; julgamento e como lidar. Antes da apresentação, os participantes referiram medo e insegurança e, após a apresentação, tranqüilidade e alívio. Todos os participantes referiram a presença de medo, sempre relacionado ao fato de estarem sendo observados. **Conclusão:** O estado emocional alterado interferiu, quanto à voz e à fala, nos parâmetros de coordenação pneumofonoarticulatória, vícios de linguagem e inteligibilidade de fala; quanto à fluência, interferiram no aparecimento de hesitações, repetições, prolongamentos e sons de preenchimento. Quanto à apresentação, houve grande preocupação tanto com o conteúdo como com a forma de falar, por estarem sendo observados pelo outro.

**Palavras-chave:** emoção; falar em público; voz; fala.

## Abstract

**Objective:** to study emotion effects on voice, speech and fluency in a public speech situation in a group of people which referred as having difficulty to speak in public. **Method:** Data from 4 persons were collected in three moments: 1- lecture/seminar situation; 2- interview moments before the presentation; 3- interview right after the presentation. Three judges analyzed voice, speech, and fluency parameters in the lecture tape. The interviews were analyzed using the discourse analysis proposed by Rosalind Gill (2002). **Results:** The discourse was organized in five categories: emotional/affective status, context, physical dimension, judgment, and cope strategies. Prior to the presentation, the participants disclosed fear and insecurity, and after the presentation, tranquility and relief. All participants presented fear related to the fact of being observed by others. **Conclusion:** Regarding voice and speech parameters the disturbed emotional state interfered in pneumophonoarticulatory coordination, language vices, and speech intelligibility. Regarding fluency parameters, hesitations, repetitions, prolongations and fulfilling sounds were observed. Regarding the presentation, both the content and the way of speaking worried the participants as well as the fact of being observed by others.

**Keywords:** emotions; speaking in public; voice; speech.

\* Fonoaudióloga, especialista em voz, mestre em Fonoaudiologia. \*\* Fonoaudióloga, especialista em linguagem, doutora em Psicologia Social, professora titular do PEPG em Fonoaudiologia PUC-SP.

## Resumen

**Objetivo:** estudiar los efectos de la emoción sobre la voz, el habla y la fluencia en la situación de hablar en público para un conjunto de personas que refirieron dificultad para hacerlo. **Método:** Participaron de este estudio cuatro personas que refirieron dificultades para hablar en público. Los datos fueron colectados en tres momentos distintos: 1- situación de palestra; 2- entrevistas momentos antes de la presentación; 3- entrevista inmediatamente después de la presentación. Tres jueces analizaron la grabación de la presentación cuanto a parámetros de voz y de fluencia del habla. Se analizaron las entrevistas por medio de la propuesta de análisis del discurso de Rosalind Gill (2002). **Resultados:** la transcripción del discurso permitió organizarlo en cinco categorías: estadio emocional/afectivo; contexto; dimensión física; juzgamiento; y como líder. Antes de la presentación los participantes refirieron miedo e inseguridad, después de la presentación, tranquilidad y alivio. El miedo estuvo presente para todos los participantes, siempre relacionado a estar siendo mirados por otros. **Conclusión:** En cuanto la voz y el habla el estadio emocional alterado interfirió en los parámetros de coordinación pneumofonoarticulatoria, vicios de lenguaje y inteligibilidad del habla. En cuanto a la fluencia se observaron hesitaciones, repeticiones, alargamientos y sonido de relleno. En cuanto a la presentación hubo grande preocupación sobre el contenido y sobre la forma de hablar, fuertemente marcados por estar siendo mirado por los otros.

**Palabras claves:** emoción; hablar en público; voz; habla.

## Introdução

A sociedade em que vivemos atravessa um momento no qual se busca cada vez mais a perfeição, dentro de um mercado de trabalho muito competitivo. As pessoas, em geral, têm procurado estar atualizadas com esse andamento do mundo e investir de diversas formas é um caminho para isso.

Na Fonoaudiologia, essa tendência de aperfeiçoamento tem se refletido no aparecimento de muitas pessoas que buscam um trabalho para a voz e para a fala, sem necessariamente apresentarem lesão laríngea, alteração vocal ou articulatória. Entre essas pessoas estão aquelas que referem medo ou dificuldade para falar em público.

O caminho mais procurado pelas pessoas com dificuldade de falar em público tem sido os cursos de Oratória, provavelmente por ser este um campo de conhecimento existente há séculos. A Fonoaudiologia, ciência que se constrói a partir do século XX, começa a ser chamada para esse terreno e a ficar conhecida como uma área científica que também trabalha com a questão.

Por se tratar de uma área relativamente nova e por ser mais novo ainda seu envolvimento com a questão de falar em público, são escassos os trabalhos sobre esse tema na Fonoaudiologia.

## Revisão de literatura

Para a elaboração deste capítulo levantamos trabalhos que abordam temas relacionados à fala em público.

Pondo em foco o sentimento de medo, Polito (1986) refere que muitas pessoas procuram desenvolver a expressão verbal para eliminá-lo. Compara-o a um fantasma, que muitas vezes é apenas o resultado de fabulações no espírito das pessoas.

Para Boone (1996), o medo de falar em público é um tipo de reação que surge em antecipação a uma situação estressante, sendo pior antes da atuação do que durante a mesma.

Tendo como foco a ansiedade, Boone (ibid.) acredita que essa é uma das características do medo de falar em público. Para o autor, a ansiedade é causada pelo medo de fracassar, de não se sair bem.

A timidez é o grande fantasma no campo das apresentações em público quando se considera a articulação do medo, timidez, ansiedade e vergonha (Mendes e Junqueira, 1999). Estar em evidência causa tensão e ansiedade e a timidez é a manifestação dessas sensações. Os autores referem que, na área da comunicação, falar em público costuma despertar muitas inibições causadas por sentimentos de inadequação e vergonha. Nesse sentido, Kyrillos et al. (2003) acrescentam que, para combater o medo, deve-se conhecer o assunto, praticar e adquirir experiência e desenvolver o autoconhecimento.

Também com relação às formas de lidar com o medo, Cooper (1990) acredita que quanto mais uma pessoa falar em público, mais relaxada e confiante ficará.

Para Mendes e Junqueira (1996) é preciso identificar as dificuldades; verificar a diferença de sensações entre falar para pessoas conhecidas ou desconhecidas; fortalecer a auto-imagem e a auto-estima.

Na valorização da auto-imagem e da auto-estima ao falar em público, para Polito (1986), de nada adianta uma pessoa aprender técnicas de expressão verbal e continuar com o pensamento de que ainda se expressa mal.

Mendes e Junqueira (1999) referem que o que pensamos a nosso respeito define o conteúdo e a forma de transmissão de mensagens. De acordo com os autores, a auto-imagem é produto da auto-estima e as duas determinam a possibilidade de uma vida produtiva ou não, ou seja, a auto-estima rebaixada desperta o medo, que produz a auto-imagem negativa.

Gonçalves (2000) observa que, normalmente, as pessoas acabam se atendo apenas ao que não gostam no seu jeito de falar, pois são extremamente críticas com elas mesmas.

Segundo Kyrillos (2005), para aqueles que usam a voz profissionalmente, não basta ter uma voz saudável e resistente, é preciso antes de tudo ser um bom comunicador. Para isso, deve haver coerência entre a comunicação verbal e a comunicação não-verbal, que inclui os parâmetros da qualidade vocal e do corpo (postura, gestos e expressão facial).

Behlau et al. (2005) afirmam que grandes comunicadores são, em geral, bons ouvintes e eles existem em todas as classes sociais, independentemente do nível de formação acadêmica. Os autores referem que a arte de bem falar também depende da capacidade de boa argumentação.

Para Gonçalves (2000), algumas pessoas têm grande facilidade para a comunicação. Além disso, refere que, para a grande maioria, não privilegiada nesse sentido, existe uma série de recursos para o desenvolvimento de uma boa comunicação, como a boa administração da voz, clareza da articulação, falar sem cansaço vocal, controle da respiração, etc.

Em relação à fala, Piccolotto e Soares (1977) apontam a importância de se evitar o uso excessivo de gestos e estereótipos de apoio como: *certo, né, assim, daí*. Sobre isso, Behlau et al. (2005), com

base em Whitaker e Penteadó (1977), apontam o termo barreiras verbais, definido como palavras ou frases que provocam uma resposta negativa no ouvinte. Segundo os autores essas barreiras são inconscientes e por isso é preciso que alguém as pontue para o falante.

Para Piccolotto e Soares (1977) os padrões de fala são extremamente importantes. Um dos aspectos envolvidos diz respeito à velocidade da emissão e está relacionada à inteligibilidade e à expressividade. Para Mendes e Junqueira (1999) uma apresentação muito acelerada pode causar sensação de cansaço nos ouvintes e denota ansiedade e nervosismo.

Em relação à coordenação pneumofonoarticulatória, Boone (1996) refere que, em situações de medo de falar em público, normalmente a respiração se torna mais irregular.

Sobre a ressonância, Kyrillos et al. (2003) referem que essa deve ocorrer de forma equilibrada. Segundo Boone (1996), o medo de falar em público pode, muitas vezes, fechar a garganta e tornar o som da voz tenso e “engarrafado”, com sensação de aperto na garganta.

Em relação à curva melódica, Piccolotto e Soares (1977) afirmam que a altura pode ocorrer de forma gradual ou não, durante uma emissão. Essas variações formam a melodia da fala e podem ser chamadas de entonação. Os autores falam também da inflexão ascendente que indica que alguma pergunta foi feita.

Sobre isso, Kyrillos et al. (2003) acrescentam que a inflexão é a melodia da fala e pode variar de maneira ascendente ou descendente. Inflexão ascendente indica, por exemplo, uma interrogação, e muitas vezes está associada a sentimentos mais positivos e alegres.

Sobre a ênfase, Kyrillos et al. (ibid.) referem que funciona como um grifo na emissão. Segundo as autoras, a repetição da musicalidade deve ser evitada, pois torna o discurso monótono.

Mendes e Junqueira (1996) afirmam que as pregas vocais são instrumentos delicados; portanto, é preciso que as pessoas que falam em público evitem álcool, fumo, ar-condicionado, gritos, alimentos e líquidos muito quentes ou muito frios, falar em alto volume de voz por um longo período e pigarrear.

Um corpo saudável é condição para a boa produção vocal, por esse motivo Kyrillos et al. (2003) apontam para a importância dos cuidados

com alimentação, sono e repouso, hábitos nocivos e hábitos e técnicas úteis para uma boa voz.

Heimberg et al. (2000) abordam o medo de falar dentro do contexto das fobias. Apontam que dados do U.S. National Comorbidity Survey (NCS) sugerem que o tempo de prevalência das fobias sociais em comunidades aumentou significativamente em recentes grupos estudados. Para os autores, os dados indicam a existência de duas classes primárias de indivíduos com fobia social: aqueles que apresentam apenas o medo de falar em público e aqueles que apresentam uma ou mais fobias sociais.

O estudo dos autores mostra que há um aumento do tempo de prevalência da fobia social, contudo, esse crescimento não existe naqueles que apresentam apenas o medo de falar. Esse aumento é mais sentido em pessoas brancas, com boa educação, e pessoas casadas; e não é explicável pela coligação com outros distúrbios mentais.

Hofmann et al. (1997) estudaram 24 fóbicos sociais, com ansiedade para falar em público, e 25 não-fóbicos (grupo controle). Todos os participantes fizeram um discurso para duas pessoas. Os parâmetros avaliados foram a ansiedade, o olhar e os distúrbios na fala. Os resultados mostraram que os fóbicos foram os que apresentaram maior ansiedade durante a fala em público. Todos os sujeitos desse grupo tiveram contato de olho mais longo e mais freqüente quando faziam o discurso do que quando conversavam com o pesquisador ou quando estavam sentados na frente do público. Durante o discurso, os fóbicos apresentaram mais pausas e tiveram pausas silenciosas mais longas do que o grupo-controle.

## Referencial teórico

O suporte teórico sobre emoção utilizado está baseado principalmente nos estudos de Henri Wallon, conforme os apresenta Madame Martinet (1981) no livro *Teoria das Emoções – Introdução à obra de Henri Wallon* e Maria José Garcia Webe e Jacqueline Nadel-Brulfert (1986) no livro *Henri Wallon*.

Segundo Wallon (em Weber e Nadel), o comportamento do ser humano resulta da interação do organismo com o meio em que vive. Depende, portanto, de condições fisiológicas e de condições sociais. Desde o nascimento, o meio social se impõe ao homem, sendo ele um ser essencialmente social devido a necessidades íntimas, visto que

sem a presença do outro o recém-nascido humano não sobreviveria.

De acordo com Wallon (Martinet, 1981), o comportamento emocional constitui o primeiro modo de comunicação do ser humano com as pessoas que o rodeiam. Ele domina as atividades da criança durante todo o primeiro semestre de sua existência.

Segundo Wallon (Martinet, 1981), as primeiras manifestações emocionais da vida da criança referem-se às sensações de bem e de mal-estar ou de prazer e desprazer. Estão ligadas principalmente às funções de nutrição e a situações agradáveis ou desagradáveis, como o bem-estar proporcionado pela amamentação ou o mal-estar devido à fome. Essas primeiras reações de prazer e desprazer se organizam a partir das relações com os outros, em sistemas cada vez mais complexos, e passam a constituir as diferentes espécies de emoções que começam a aparecer a partir do sexto mês de vida da criança.

À medida que a criança cresce, o comportamento emocional tende a apagar-se diante de formas mais eficazes de adaptação, afirma Wallon. Explica que as emoções parecem ir em sentido contrário ao desenvolvimento cognitivo, tornando-se cada vez menos freqüentes e menos intensas.

Das primeiras reações emocionais de prazer e de desprazer até as formas adultas de manifestação da emoção, diz Wallon, o ser passa por um processo de interação com os outros, por um processo de socialização por meio do qual as descargas brutais da emoção transformam-se em meios de expressão, que se tornam cada vez mais sutis.

Sendo assim, as diferentes gamas de emoções que o ser manifesta são socialmente construídas, segundo Wallon. As situações em si não são geradoras de emoções, esclarece Wallon, é o grupo social que influencia o curso das demonstrações emotivas, quer favorecendo-as, quer entretendo-as.

As emoções são fáceis de serem distinguidas, diz Wallon; ninguém hesita em diferenciar entre as manifestações de medo, de raiva, de tristeza ou de alegria. Essas são facilmente entendidas como episódios diferentes daqueles que constituem a vida afetiva, marcada por sentimentos ou paixões cuja manifestação é mais duradoura.

Explicando a diferença entre emoção e afeto, Wallon afirma que emoções são consideradas como fenômenos insólitos e desconcertantes, de caráter explosivo e de curta duração, que não acontecem com freqüência e que são acompanhadas por uma

série de manifestações viscerais (o coração bate mais, a respiração é suspensa, ocorrem espasmos intestinais, relaxamento dos esfíncteres, suores frios, garganta seca, etc.) ou manifestações exteriores que se mostram abertamente por meio de atitudes e mímicas.

Diferentemente da emoção vista como manifestação explosiva, que irrompe bruscamente e extingue-se bastante depressa, o afeto, segundo o autor, é um estado ou sentimento que pode permanecer a vida toda, por exemplo, um sujeito pode sentir-se deprimido durante anos. É por meio das reações motoras que, segundo Wallon, as emoções se exteriorizam e tomam um caráter expressivo que é logo interpretado pelo ambiente e sofre, em troca, a influência deste. O autor também esclarece que as emoções não estão articuladas sempre às mesmas reações físicas, de tal forma que não é possível estabelecer uma reação linear entre as emoções e suas reações.

Wallon explica também que a emoção não se desencadeia sem motivo. A brusca explosão emocional explica-se pela relação entre o determinismo externo de acontecimentos que a provocam, e a compreensão que a pessoa tem deles, ou seja, mesmo quando as reações emocionais parecem responder apenas a estímulos exteriores, são as impressões íntimas que dão o tom à situação. A isso ele chama de *fabulação*, ou seja, os efeitos são desencadeados apenas num indivíduo que já está predisposto a recebê-los.

Wallon explica, ainda, que a presença do outro nunca nos deixa inteiramente indiferentes. A isso o autor chama de *prestance*, que corresponde ao surgimento de atitudes em relação à aproximação ou presença do outro. Trata-se de reações reflexas ocasionadas pela impressão de estar na presença ou sob o olhar do outro.

A *prestance*, explica Wallon, parece pôr em jogo um sentimento de dignidade pessoal que depende da educação. Ela provoca, por vezes, reações emotivas que embarçam, como acontece nos acessos de vergonha, de timidez ou até de desespero e angústia, que fazem perder a compostura àquele que se sente ou se crê vigiado com excessiva atenção.

Apoiadas em Wallon e na busca de compreender mais sobre a determinação social das emoções, Lane e Friedman (1994) participaram de um estudo intercultural que lhes permitiu descrever características subjetivas peculiares a sete emoções: alegria,

medo, raiva, repugnância, tristeza, vergonha e culpa. Por meio desse estudo, as autoras puderam resgatar o caráter social das emoções ao perceberem a presença predominante do outro na marcação de cada emoção, como, por exemplo, no caso da raiva, em que sobressai ao sentir-se injustiçado ou traído, ou o caso da vergonha, que sempre envolveu uma situação de exposição indevida.

## Objetivo

Nesta pesquisa, de caráter exploratório, propomo-nos a estudar os efeitos da emoção sobre a situação de falar em público em um conjunto de pessoas que referem ter dificuldade para fazê-lo. Põem-se em foco a relação entre emoções/afetos com características de fluência de fala e parâmetros de produção de voz.

## Material e método

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da PUC-SP, no protocolo de número 0007/2004. Para realizá-lo, contamos com a participação de quatro pessoas que referiram dificuldade para falar em público, que aqui serão designadas P1; P2; P3 e P4.

Para atender ao objetivo da pesquisa coletamos os dados dos participantes em três momentos distintos: 1) gravação da fala dos participantes em situação de seminário ou palestra por eles apresentada. 2) Entrevista com os participantes momentos antes da apresentação. 3) Entrevista com os participantes logo após a apresentação.

O participante 1 é mulher, tem vinte anos, estudante, estava cursando o primeiro semestre de Pedagogia. Não tem experiência de falar em público. O participante 2 é mulher, tem vinte e quatro anos, professora de jardim de infância há sete anos, estava cursando o primeiro semestre do mesmo curso de Pedagogia que o participante 1. Tem alguma experiência de falar em público. O participante 3 é mulher, tem 34 anos, assistente social, trabalha em um centro de DST há oito anos. Tem experiência de falar em público. O participante 4 é homem, tem 39 anos, psicólogo, também trabalha em um centro de DST há seis anos. Tem experiência de falar em público.

Sobre a situação de fala gravada: P1 e P2 apresentaram, cada um, um seminário no seu curso de graduação, para uma classe de aproximadamente

vinte alunos, sendo que cada um tinha cerca de dez minutos para se apresentar. P3 e P4 apresentaram, cada um, uma palestra em um evento sobre doenças sexualmente transmissíveis, para um auditório com aproximadamente cento e cinquenta pessoas e cada um tinha cerca de trinta minutos para se apresentar.

As entrevistas foram de caráter semi-estruturado. Fizemos uma pergunta inicial, na qual pedimos aos participantes que falassem sobre suas dificuldades para falar em público. Conforme a resposta do participante, foram feitas perguntas complementares, com o intuito de levantar os seguintes aspectos: como eles acreditam que essas dificuldades prejudicam ou podem prejudicar seu desempenho vocal e de fala; quais os sintomas/sinais físicos e psíquicos que marcam essa dificuldade: emoções/sentimentos e sensações; quando surgem (tempo em relação à apresentação); quanto duram e como eles enfrentam essas situações de dificuldade.

Tanto a apresentação como as entrevistas foram gravadas em um gravador digital Sony MZ-R50, colocado na cintura do participante, com um microfone de lapela ML 70 D, preso na altura da gola da camisa.

Quanto às apresentações, os dados coletados foram descritos e analisados em relação à fluência de fala e às características da voz – análise perceptivo auditiva – a partir de um protocolo por nós desenvolvido.

Para elaborar esse protocolo, no que se refere à avaliação das características de fluência de fala, consultamos a literatura sobre fluência, disfluência e gagueira e vimos que existem diferentes posições a respeito. Optamos por aquela defendida por Friedman (2004), que entende que todos os tipos de disfluência podem acontecer na fala de um falante em função da relação entre o contexto e sua subjetividade; e que o determinante da normalidade ou da patologia não está no tipo da disfluência em si, mas no próprio sujeito, no modo como ele julga sua fala, sua fluência e sua imagem de falante. Nosso protocolo abordou os seguintes aspectos: hesitação no início da fala ou entre palavras, pausas curtas, pausas longas, som de preenchimento, palavras de preenchimento, repetição de som, repetição de sílaba, repetição de palavra, repetição de frase, prolongamento dentro da palavra e bloqueio suave.

Em relação à avaliação perceptivo-auditiva da voz, apoiamo-nos nas propostas de Gayotto (1996), Ferreira, Algodoal e Andrada e Silva (1998) e Cotes (2000), e abordamos os seguintes

aspectos: coordenação pneumofonoarticulatória, *loudness*, velocidade de fala, ressonância, qualidade vocal, vícios de linguagem, inteligibilidade de fala, curva melódica, ênfase e adequação da ênfase ao contexto.

Para a análise dos parâmetros acima citados, foram selecionados três juízes fonoaudiólogos, especialistas em voz. Cada juiz recebeu um CD com as apresentações dos quatro participantes e os protocolos correspondentes, a serem preenchidos, um para cada participante com uma explicação sobre como preencher o protocolo. A partir das respostas dos juízes, foi montado um quadro que permite a visualização da avaliação sobre o desempenho dos participantes.

As entrevistas foram transcritas e analisadas por meio do método de análise do discurso proposto por Rosalind Gill (2002). Gill propõe que a análise do discurso seja feita seguindo os seguintes passos: 1) escolha dos discursos a serem analisados, 2) transcrição completa desses discursos, 3) leitura cética interrogando o discurso para sua codificação em temas ou categorias, 4) análise examinando as regularidades e as singularidades dos dados discursivos, 5) interpretação do discurso com base na(s) teoria(s) que dá(dão) suporte à pesquisa.

As entrevistas realizadas antes e depois das apresentações foram transcritas em ortografia regular. Ao interrogar o discurso para sua codificação, observou-se que as categorias constituíram-se a partir da maneira como a entrevistadora conduziu a entrevista, sendo, portanto, categorias constituídas *a priori*. São elas: **estado emocional/afetivo, contexto, dimensão física, julgamento e como lidar**.

A categoria estado emocional/afetivo diz respeito, no caso das emoções, a vivências de curta duração como medo e vergonha e, no caso do estado afetivo, a sentimentos duradouros como a timidez. A categoria contexto refere-se a todas as situações que geram determinados sentimentos, emoções e reações físicas. A categoria dimensão física refere-se a todo os tipos de sensações ocorridas no corpo, como tremor, calor e tensão. A categoria julgamento refere-se, como o próprio nome diz, aos julgamentos feitos pelos próprios participantes sobre si mesmos ou sobre a apresentação, e aos julgamentos feitos pelo público. A categoria como lidar refere-se aos recursos utilizados pelos participantes para enfrentar a dificuldade de falar em público.

A partir dessas categorias, foram elaborados quadros com o material discursivo para facilitar a visualização dos dados e sua interpretação. Os quadros, como se vê no exemplo abaixo, permitem uma leitura da seqüência da entrevista na sua

direção horizontal. Na direção vertical, na primeira coluna aparece a fala da entrevistadora; nas demais, a fala do participante segmentada de acordo com a categoria a que pertence.

**Quadro 1 – Participante 3 – antes da apresentação**

ENTREVISTADORA	ESTADO EMOCIONAL/AFETIVO	CONTEXTO	JULGAMENTO
Agora você vai fazer a sua apresentação, me conta um pouco dessa dificuldade que você acha que você tem pra falar em público.			
	Na verdade eu acho que é mais vergonha, eu sempre fui tímida, a vida inteira (...)		
		Então, ééé... até que quando é pra um grupo pequeno, vinte, quinze, trinta (...) (outros)	
			eu me saio mais ou menos,

A partir das categorias, para objetivar a análise, foram levantados os repertórios discursivos ou “as unidades de construção dos discursos – o conjunto de termos, descrições, lugares-comuns e figuras de linguagem – que demarcam o *rol* de possibilidades de construção dos discursos (...)” Spink (1999, p. 47),

para alcançar uma visão geral da tendência nos discursos dos participantes antes e depois da apresentação, o que permaneceu e o que mudou.

Para ilustrar, vemos a seguir um exemplo de repertórios da categoria estado emocional/afetivo antes da apresentação de P1 e P2:

**Quadro 2 – Repertório da categoria estado emocional/afetivo antes da apresentação**

P1	P2
medo, insegurança, nervosismo,	pouco nervosismo, vergonha, sem graça,

Tratamos nossos dados analisando separadamente, para cada participante, as entrevistas feitas antes e após a apresentação, e as avaliações dos juizes a respeito dos parâmetros de fluência e de voz das apresentações. Isso nos permitiu chegar a uma síntese dos resultados para apresentar a discussão que se segue.

**Discussão**

De acordo com o proposto por Wallon (1986), a categoria estado emocional/afetivo nos mostrou que os nossos participantes apresentaram tanto estados afetivos (sentimentos duradouros) como estados emocionais (fenômenos de curta duração, acompanhados de uma evidente manifestação física) ligados à situação de fala. O nervosismo

mostrou-se como estado afetivo, pois o discurso dos nossos participantes revelou que ele existe o tempo todo. O medo mostrou-se como um estado que pode estar nos dois aspectos. Como sentimento, temos que durante todo o tempo os participantes relataram uma situação de medo. Como emoção, temos o medo de “dar branco” que se deu em um momento específico. Estados como pânico e angústia fazem parte do estado emocional, como por exemplo nas falas de P2 e P3:

- (...) a idéia de saber que eu sou a próxima a apresentar, isso já vai me dando um pânico (P2)
- (...) esse aperto no coração, essa angústia de falar: ai meu Deus, agora eu vou começar a falar (P3)

A angústia, que freqüentemente é referida, no cotidiano, como um estado afetivo – pessoas

podem ficar angustiadas uma vida inteira – no caso da situação de fala de nossos participantes surgiu como emoção, o que confirma as proposições de Wallon, de que os mesmos estados podem aparecer tanto na forma de afetos como de emoções.

Boone (1996) refere que o medo gera antecipações e é pior antes do que durante a apresentação. Isso foi coerente com nossos dados, visto que antes da apresentação, os participantes referiram estados negativos como medo, insegurança e ansiedade e após a apresentação, referiram estados positivos como tranquilidade, alívio e confiança. O participante P1 foi exceção a isso. Ele referiu nervosismo durante todo o tempo e isso teve como consequência ele não ter falado tudo que tinha preparado e ter encerrado a apresentação sem finalizá-la. Isso parece coerente com o relato feito antes da apresentação sobre ela estar sem prática:

*(...) faz muito tempo que eu não falo, desde a época do colégio (...) então eu perdi um pouco disso de... né? Fiquei muito tempo fora dessa parte de apresentar trabalho (P1)*

A reação de P1, por estar sem prática, é coerente com Cooper (1990) e Kyrillos et al. (2003), que apontam a importância do treino para diminuir a inibição de falar em público. O treinamento é importante para se sair bem em público, porque pode amenizar a condição emocional.

Sobre os estados emocionais e afetivos durante o tempo em que ocorre a apresentação não encontramos dados na literatura. Nossos dados mostraram que para os participantes P2, P3 e P4 estados emocionais/afetivos, como o medo, o nervosismo e a ansiedade tiveram lugar durante o início da apresentação e, à medida que ela transcorreu, foram diminuindo.

Ainda com enfoque no medo, todos os participantes referiram medo de errar, medo de “dar branco”. P4 referiu também medo de “rebote” (reação do outro) ou de “parecer ridículo”. Todos os medos referidos estiveram sempre relacionados ao fato de estar sendo observado pelo outro – a *prestance* de Wallon. Isso faz sentido com as proposições de Wallon e de Lane e Friedman (1994) a respeito da construção social das emoções/afetos.

Boone (1996), Mendes e Junqueira (1999) apontam que pessoas com dificuldade de falar em público podem vivenciar sentimentos de timidez, vergonha, ansiedade e tensão. Isso está de acordo com os estados referidos por nossos participantes.

*Ah, eu acho que tem um pouco de vergonha sim, você está lá sendo exposta, todo mundo olhando pra você, você tá apresentando um trabalho... (P2)*

*Eu sempre fui tímida, então ééé... quando é pra trabalhar com um grupo pequeno (...) eu me saio mais ou menos, mas quando é pra trabalhar com um público maior(...) (P3)*

Ainda em relação à *prestance*, consideramos os achados de Heimberg et al. (2000) que, ao se referirem à fobia social, apontaram que pessoas com fobias que não do tipo medo de falar em público, seriam mais suscetíveis ao olhar do outro. Considerando que a categoria contexto mostrou que todos os nossos participantes se mostraram sensíveis ao olhar do outro, surgiu a questão: seriam eles pessoas com outras fobias sociais além da de falar em público? Consideramos que nossos dados parecem se contrapor aos dessa pesquisa, uma vez que, pela interação que tivemos com nossos participantes nas entrevistas, não obtivemos pistas de outras fobias sociais, entretanto, reconhecemos que nossos dados advêm de número bastante restrito de sujeitos.

A relação entre emoção/afeto e tamanho do público não foi abordada na literatura consultada. A categoria contexto nos mostrou que, para P3, o tamanho do público fez diferença. Nesse caso, era um público grande, o que para ele foi problemático.

Mendes e Junqueira (1996) apontam a importância de verificar a diferença entre sensações para falar com pessoas conhecidas e desconhecidas. Nos nossos dados, embora tivéssemos dois participantes que fizeram apresentação para um público conhecido e dois para um público desconhecido, não conseguimos chegar a diferenças sobre as sensações. O que vimos é que as duas situações podem afetar bastante os participantes. Foi o caso de P1, que falou para um público conhecido, e de P3, que falou para um público desconhecido. Ambos ficaram emocionalmente bastante afetados. Vimos ainda que o público trouxe emoções positivas somente para P3. Para P1, P2 e P4, só trouxe emoções negativas:

*(...) as pessoas balançando a cabeça foi me deixando um pouco mais tranqüila (P3)*

*(...) porque eu tava preocupada que os outros tavam vendo que eu tava tremendo (P1)*

*(...) as pessoas estão cansadas, hoje é sexta-feira, então tudo influenciou (P2)*

*(...) como eu vi que o público tava mais tenso e também meio cansado, eu acho que foi mais penoso (P4)*

Ainda na categoria contexto, com relação à fala, os repertórios nos mostraram que nossos participantes se preocupam principalmente com a dicção, isto é, com a forma de falar, com suas vivências anteriores ao falar em público e com o conteúdo da fala, evidenciando sua preocupação com a boa comunicação, tanto antes como depois da apresentação. Essa preocupação vai ao encontro das propostas de Gonçalves (2000), Kyrillos (2005) e Behlau et al. (2005), que afirmam que o mais importante numa apresentação em público é ser um bom comunicador.

Por último, a categoria contexto mostrou a fabulação, referida tanto por Wallon (1986) (impressões íntimas de cada sujeito que dão o tom à situação) como por Polito (1986) (medo de falar em público é muitas vezes o resultado de fabulações). Essa apareceu no discurso de P1 e P3 quando relataram que já vinham pensando sobre a apresentação há algum tempo, sendo que P3 mostrou ter fabulado suas preocupações com mais intensidade e por mais tempo. Já P2 e P4 revelaram ter começado a se preocupar com a apresentação somente no próprio dia.

*Ah, eu já tava uns dias pensando “puts” quando for a apresentação, né? Que, que medo, né? (P1)*  
*Acho que já faz uns dois meses que eu tô pensando “puts” eu tenho que fazer isso, eu tenho que fazer aquilo (P3)*

*(...) hoje por exemplo, eu acho que ele (o nervosismo) vai começar mesmo, pra valer, quando o grupo anterior tiver terminado a apresentação deles, eu... a idéia de saber que eu sou a próxima (...) (P2)*

*Quando ele (o nervosismo) começou? Começou hoje, hoje de manhã (P4)*

A categoria dimensão física também nos remeteu a Wallon, quando o autor explica que as emoções não estão articuladas sempre às mesmas reações físicas. Isso ficou claramente demonstrado no discurso de nossos participantes, como vemos a seguir:

*Eu sinto medo, insegurança (...) e eu começo a tremer e o papel treme (P1)*

*Medo, medo, medo, até onde eu consigo alcançar me parece medo (...) boca seca, ééé... (risos) prenúncios de uma diarreia (...) aumento de sudorese (...) (P4)*

Os repertórios presentes nos discursos permitiram observar que as reações físicas não foram tão mencionadas como o estado emocional/afetivo, o que nos trouxe duas possibilidades: ou os participantes percebem mais o estado emocional/afetivo do que o corpo, ou seus estados tinham mais componentes afetivos do que emocionais. Esse aspecto poderia ser melhor investigado numa pesquisa futura sobre relações entre fala e afeto/emoção.

Na categoria julgamento, vimos a importância da auto-imagem e auto-estima para falar bem em público, conforme apontaram Polito (1986), Mendes e Junqueira (1999) e Gonçalves (2000):

*Eu achei que poderia ter sido bem melhor (P2)*

*O que tem a ver com (...) essa dificuldade de falar é a história de vida, a minha história de vida, entendeu? De que assim, eu vim de uma história de vida mais simples (...) (P3)*

Na categoria como lidar, observamos que os participantes referiram diferentes formas de lidar com a dificuldade de falar em público, como: ler a fala durante a apresentação; olhar o papel momentos antes para lembrar; e até fazer curso de psicodrama e acupuntura referido por P3. Não vimos nenhuma referência semelhante na literatura consultada.

O que a literatura aponta com relação às estratégias para falar em público, como vimos em Mendes e Junqueira (1996) e Kyrillos et al. (2003), refere-se à importância de tomar alguns cuidados com a voz para uma comunicação mais efetiva como evitar o álcool, o fumo, o ar-condicionado e o esforço vocal excessivo, bem como cuidar da alimentação e do sono. Os nossos participantes, entretanto, em nenhum momento referiram-se a seus hábitos vocais ou a cuidados com a voz. Isso se mostrou coerente com a pesquisa de Petroucic e Friedman (2006), na qual profissionais da voz e pessoas com queixas vocais foram os que deram mais importância aos cuidados com a voz, o que não era o caso de nossos participantes.

Tendo esgotado a discussão sobre as entrevistadas, passamos agora a discutir a avaliação dos juízes com relação aos parâmetros de fluência e de voz nas apresentações dos participantes.

Pudemos observar alteração significativa em sete dos parâmetros avaliados: coordenação pneumofonoarticulatória, velocidade de fala, ressonância, inteligibilidade de fala, vícios de linguagem, adequação de ênfase e curva melódica.

Em relação à coordenação pneumofonoarticulatória, observou-se uma tendência à incoordenação. Isso é coerente com Boone (1996), que refere que em situações de medo de falar em público a respiração se torna mais irregular. Considerando que os nossos participantes referiram medo, nervosismo e ansiedade, entre outros, podemos considerar que essas emoções/estados afetivos estão relacionadas com a respiração.

Sobre a velocidade de fala, P2 e P4 foram avaliados pelos três juízes como tendo velocidade rápida. Mendes e Junqueira (1999) referem que a velocidade de fala acelerada pode causar a sensação de que o falante está ansioso e nervoso. Isso foi coerente com P2, que afirmou ter corrido com medo de não ter tempo de falar tudo, e com P4 e P2, que referiram que estavam nervosos.

Piccolotto e Soares (1977) afirmam que a velocidade de fala acelerada pode prejudicar a inteligibilidade. Dois juízes apontaram velocidade de fala adequada e 100% de inteligibilidade para P1. Ele, entretanto, achou que sua fala estava acelerada e que não leu inteligivelmente algumas coisas. Acreditamos que a discrepância entre a avaliação dos juízes e a percepção de si mesmo se deva ao estado emocional do participante, que, conforme disse, era de medo e nervosismo.

Em concordância com Piccolotto e Soares (1977), P2 e P4 foram avaliados com velocidade de fala acelerada e tiveram índices mais baixos de inteligibilidade: 75% e 65%, respectivamente.

Sobre a ressonância, cada um dos participantes sempre teve pelo menos dois juízes julgando-a inadequada. Assim, esse parâmetro não atendeu à necessidade de equilíbrio para a boa comunicação proposta por Kyrillos et al. (2003). Vale ressaltar que a ressonância é um parâmetro difícil de ser avaliado e, com frequência, gera bastante discordância.

Também em relação à ressonância, Boone (1996) afirma que o medo de falar em público pode muitas vezes fechar a garganta e tornar o som da voz tenso e “engarrafado”. Isso parece coerente com as avaliações dos juízes em relação a P1, que foi avaliado por um juiz como tendo ressonância hiponasal; a P2 e P3 avaliados por um e dois juízes, respectivamente, como tendo ressonância hipernasal; e a P4 que foi avaliado por um juiz como tendo ressonância laringo-faríngea. Essa ressonância pode estar também relacionada ao estado de tensão e nervosismo dos participantes.

Os vícios de linguagem são citados por Piccolotto e Soares (1977) e Behlau et al. (2005), que apontam para a importância de evitá-los durante uma apresentação em público. Nossos dados revelaram que todos os participantes fizeram uso de vícios de linguagem, como “né”, “daf”, “tipo”, “então”, sendo que os juízes 1 e 3 referiram que o uso de vícios de linguagem foi um dos aspectos que mais chamaram atenção entre os quatro participantes.

Sobre a ênfase, Kyrillos et al. (2003) referem que ela deve ser usada na palavra mais expressiva dentro de uma frase, caso contrário pode fazer com que esta perca o sentido. Os nossos participantes apresentaram, na opinião dos juízes, grande variação no que se refere à adequação da ênfase ao discurso. P1, embora tenha sido avaliado por um juiz com 90% de adequação, foi avaliado pelos outros dois juízes com 10% e 30%; P2 foi avaliado por dois juízes com 60% de adequação e por um juiz com 85%; P3 foi avaliado por dois juízes com 80% e por um juiz com 50% de adequação; P4 foi avaliado por dois juízes com 75% e por um juiz com 55% de adequação. Sobre isso, fica uma pergunta: estados emocionais alterados podem prejudicar a adequação da ênfase? Vale ressaltar que o juiz 3 referiu que o uso que P3 fez da ênfase ajudou na transmissão do conteúdo.

Em relação à curva melódica, P2 e P3 foram avaliados pelos três juízes e P1 por dois juízes como tendo curva ascendente. Piccolotto, Soares (1977) e Kyrillos et al. (2003), reconhecem que a curva melódica ascendente é utilizada em orações interrogativas. Também Kyrillos et al. (2003) referem que a curva ascendente também é associada a conteúdos mais alegres e positivos. Nenhum desses aspectos é coerente com nossos participantes, que estavam nervosos, tensos e ansiosos. Sendo assim, os nossos dados sugerem que a curva melódica ascendente, para algumas pessoas, pode ser sinal de nervosismo. Vale ressaltar que não houve 100% de consenso sobre as curvas serem ascendentes.

Considerando que, de acordo com os autores acima, uma boa fala teria curvas ascendentes e descendentes, com relação a nossos participantes, apenas P4 foi considerado nessa condição. Vale aqui considerar que ele é o mais velho dos participantes e aquele que tem mais experiência profissional e mais prática de falar em público.

Com relação à fluência de fala, encontramos na literatura consultada diversas referências a Scarpa (1995, em Friedman 2004). Segundo Scarpa, a

fluência não é absoluta na fala, o fluir contém disfluências e os falantes por vezes disfluem muito. A esse respeito, Scarpa (1995) explica que a disfluência relaciona-se a condições subjetivas como a organização do discurso; à busca de palavras adequadas; ao conflito entre palavras. Isso mostrou-se coerente com nossos dados, visto que todos os participantes apresentaram disfluências. As disfluências que mais se mostraram foram: hesitações, pausas curtas e sons de preenchimento, que são apontadas por Sassi, Ostiz e Andrade (2001) entre aquelas que fazem parte da fala de todos os falantes.

Em concordância com Friedman (2004), de que todos os tipos de disfluência podem aparecer na fala de um falante fluente, podemos destacar P1, que apresentou pausa longa e também bloqueio de fala. Sobre isso, Hofmann et al. (1997) verificaram em seu estudo que fóbicos sociais, com ansiedade para falar em público, apresentam pausa longa. Isso pareceu-nos coerente com o fato de P1 ser o participante com menor experiência de fala e ter-se mostrado emocionalmente mais afetado que os demais, tendo referido nas entrevistas bastante dificuldade em se apresentar.

De um ponto de vista mais geral, concluímos que as cinco categorias encontradas: estado emocional/afetivo, contexto, dimensão física, julgamento e como lidar, são como uma estrutura que nos mostrou tanto os conteúdos comuns como os singulares a cada participante sobre a dificuldade de falar em público.

Sobre essa dificuldade, vimos que ela se expressa por meio de uma articulação entre o estado emocional e os parâmetros do contexto de fala, principalmente no que se refere ao conteúdo da fala; ao tempo em torno do momento da apresentação e ao julgamento dos outros. Isso nos revela uma dialética entre o interno do sujeito – a experiência de si – e o externo, relativo à sociedade e à cultura. Há uma mútua influência entre o estado interno do falante (nervosismo, medo, coragem, etc.), suas possibilidades de objetivar-se na produção de padrões de voz e de fala e o contexto social (os outros olhando, público grande ou pequeno, etc.).

Vale considerar que não tínhamos parâmetros de outros momentos de fala dos participantes. Sendo assim, não pudemos comparar os padrões apresentados por eles no presente estudo com os habituais no cotidiano de sua fala para apoiar neles as possíveis influências dos estados emocionais sobre a situação de falar em público.

Vale considerar, ainda, que trabalhamos com dados de apenas quatro participantes, em seus aspectos singulares e pontos comuns. Sabemos, portanto, que os dados não são generalizáveis. Entendemos, entretanto, que aquilo que pudemos observar dá indícios sobre o que poderá ser encontrado em pessoas com dificuldades de falar em público e ajudar os fonoaudiólogos que pretendem trabalhar com essa demanda.

## Considerações finais

Esta pesquisa, que teve como objetivo estudar os efeitos da emoção sobre a voz, a fala e a fluência na situação de falar em público, mostrou que o estado emocional alterado pode interferir, quanto à voz e à fala, nos parâmetros de coordenação pneumofonoarticulatória, vícios de linguagem e inteligibilidade de fala; quanto à fluência, no aparecimento de hesitações, repetições, prolongamentos e sons de preenchimento, como mostra, de forma sintética, o quadro seguinte.

Quanto à análise dos repertórios vimos que a preocupação com o conteúdo e com a forma de falar (falar errado) foi o aspecto mais abordado pelos participantes, e seus discursos mostraram que essa questão está sempre permeada pela emoção e ligada a estar sendo olhado pelo outro.

Houve uma relação significativa entre a emoção e o tempo. Os participantes mostraram-se emocionalmente mais afetados nos minutos que precedem a apresentação e nos minutos iniciais da mesma. À medida que a apresentação vai acontecendo, a tendência é relaxar, havendo alívio e relaxamento maior no final da apresentação. Após a apresentação, sentimentos positivos tendem a se manifestar, como P1 e P2, que, apesar de todo o nervosismo sentido antes e durante a apresentação, sentiram-se aliviados e satisfeitos com o que fizeram. Já P3 sentiu tranquilidade ao longo da apresentação ao perceber que o público estava concordando com aquilo que ele estava dizendo, e P4 também referiu alívio ao fim da apresentação.

Sobre a relação com os outros, vimos que antes da apresentação a preocupação dos participantes estava totalmente voltada para o olhar do outro, o que pudemos associar ao conceito de *prestance*, de Wallon. Durante a apresentação, surge uma preocupação com aquilo que os participantes estão vendo do público.

**Quadro 3 – Efeito da emoção sobre a voz, a fala e a fluência (julgamento de pelo menos dois dos três juizes)**

Sujeitos	Voz e Fala	Fluência
P 1	incoordenação pneumofonoarticulatória vícios de linguagem ênfase inadequada 90% inteligibilidade	hesitação pausa curta bloqueios repetição prolongamento
P 2	incoordenação pneumofonoarticulatória vícios de linguagem loudness forte velocidade acelerada 80% inteligibilidade	hesitação repetição prolongamento som/palavra de preenchimento inadequação ênfase
P 3	vícios de linguagem incoordenação pneumofonoarticulatória 80% inteligibilidade	som/palavra de preenchimento hesitação repetição
P 4	velocidade acelerada incoordenação pneumofonoarticulatória vícios de linguagem 76% inteligibilidade	hesitação pausa curta som preenchimento repetição prolongamento

Acreditamos que os resultados de nossa pesquisa podem trazer subsídios aos fonoaudiólogos que trabalham com pessoas cuja única queixa é a dificuldade de falar em público. Para esse trabalho, a partir dos resultados aqui acessados, o fonoaudiólogo poderá compreender a importância de trabalhar a relação que o falante estabelece com os outros e as emoções que transitam nessa relação, compreendendo, para cada pessoa, a história que contextualiza essas emoções e os possíveis mitos e crenças que a sustentam.

**Referências**

Behlau M et al. Voz profissional: aspectos gerais e atuação fonoaudiológica. In: Behlau M. Voz: o livro do especialista. Rio de Janeiro: Revinter; 2005. v.2, p. 287-407.

Boone D. Sua voz está traindo você?: como encontrar sua voz natural. Porto Alegre: Artes médicas; 1996.

Cooper M. Vencendo com a sua voz: cinco minutos por dia para uma voz vencedora. São Paulo: Manole; 1990.

Cotes CSG. Apresentadores de telejornal: análise descritiva dos recursos não-verbais e vocais durante o relato da notícia [dissertação]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2000.

Ferreira LP, Algodoal MJ, Andrada e Silva MA. A avaliação da voz na visão (e no ouvido) do fonoaudiólogo: saber o que se procura para entender o que se acha. In: Marchesan IQ, Zorzi JL, Gomes ICD, organizadores. Tópicos em fonoaudiologia. São Paulo: Lovise; 1998. p. 393-413.

Friedman S. Fluência: um acontecimento complexo. In: Ferreira LP, Befi-Lopes DM, Limongi SCO, organizadores. Tratado de fonoaudiologia. São Paulo: Roca; 2004. p. 1027-39.

Friedman S, Petroucic R. Os sentidos da perda de voz. *Distúrb Comun* 2006;18(1): 39-49.

Gayotto LH. Voz do ator: a partitura da ação [dissertação]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 1996.

Gill R. Análise do discurso. In: Bauer MW, Gaskell G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Rio de Janeiro: Vozes; 2002. p. 244-70.

Gonçalves N. A importância do falar bem. São Paulo: Lovise; 2000.

Heimberg RG, Stein MB, Hiripi E, Kessler RC. Trends in the prevalence of social phobia in the United States: a synthetic cohort analysis of changes over four decades. *Eur Psychiatry* 2000;15(1):29-37.

Hofmann SG, Gerlach AL, Wender A, Roth WT. Speech disturbances and gaze behavior during public speaking in subtypes of social phobia. *J Anxiety Disord* 1997;11(6):573-85.

Kyrillos L.. Expressividade: da teoria à prática. Rio de Janeiro: Revinter; 2005. A expressividade nas empresas: dos “workshops” aos “media training”; p. 267-83.

Kyrillos L, Cotes C, Feijó D. Voz e corpo na tv: a fonoaudiologia a serviço da comunicação. São Paulo: Globo; 2003.

Lane STM, Friedman S. Aspectos sociais das emoções. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 1994 [Apostila do Programa de Doutorado em Psicologia Social / Disciplina Bases Teóricas Metodológicas da Psicologia Social]

Martinet M. Teoria das emoções: introdução à obra de Henri Wallon. Lisboa: Moraes; 1981.

Mendes E, Junqueira LAC. Falar em Público: prazer ou ameaça. Rio de Janeiro: Qualitymark; 1996.

Mendes E, Junqueira LAC. Comunicação sem medo: um guia para você falar em público com segurança e naturalidade. São Paulo: Gente; 1999.

Piccolotto L, Soares RMF. Técnicas de impostação e comunicação oral. São Paulo: Loyola; 1977.

Polito R. Como falar corretamente e sem inibições. São Paulo: Saraiva; 1986.

Sassi FC, Ostiz HC, Andrade CRF. Terminologia: fluência e desordens da fluência. *Pro Fono* 2001;13:107-13.

Scarpa EM. Sobre o sujeito fluente. *Cad Est Linguist* 1995;29:163-84.

Spink MJP, Medrado B. Produção de sentido no cotidiano: uma abordagem teórico- metodológica para análise das práticas discursivas. In: Spink MJP, organizador. Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano. São Paulo: Cortez; 1999; p 41-61.

Wallon H. As origens do caráter na criança. In: Werebe MJG, Brulfert JN. Henri Wallon. São Paulo: Ática; 1986; p 38 – 64.

**Recebido em novembro/06;  
aprovado em outubro/07.**

**Endereço para correspondência**

Renata Assumpção Barbosa  
Rua Professor Artur Ramos, 183, cj. 31,  
Jd. Paulistano, São Paulo, SP, CEP 01454-011

**E-mail:** [reassump@yahoo.com.br](mailto:reassump@yahoo.com.br)